



**A IDEIA
DE
HUMANIDADE
NA
LITERATURA
DO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

**HUXLEY
MALRAUX
GÓMEZ DE LA SERNA
ÂNGELA
FERNANDES**

**LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIII**

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO 1	
Literatura e humanidade	15
1.1 Palavras e problemas	17
1.2 Definições e fronteiras de humanidade	21
1.3 Humanismo e humanidades	47
1.4 A humanidade da literatura	73
CAPÍTULO 2	
A humanidade de um admirável mundo novo	91
2.1 Mundos novos, ciência e arte	93
2.2 O progresso da ciência e o futuro da sociedade	107
2.3 A liberdade se ser diferente	127
CAPÍTULO 3	
A condição humana neste mundo	153
3.1 Xangai em 1927: história, histórias e ideias	155
3.2 Razões para viver e para morrer	183
3.3 As vozes da humanidade	209
CAPÍTULO 4	
Histórias falsas e verdades humanas	221
Referências bibliográficas	251
Índice onomástico	267

© 2013, Ângela Fernandes
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *A Ideia de Humanidade na Literatura do Início do Século XX.*

Huxley, Malraux e Gómez de la Serna

Autora: Ângela Fernandes
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa:
Tinta-da-china (Pedro Serpa)

1.ª edição: Setembro de 2013
ISBN 978-989-671-172-6
Depósito Legal n.º 363677/13

APRESENTAÇÃO

Too many questions, as I am well aware, for an essay that has no excuse but its brevity. Nietzsche said that the big problems were like cold baths: you have to get out as fast as you got in.

BRUNO LATOUR,
We Have Never Been Modern

Este ensaio pretende equacionar as relações entre a literatura e a noção de humanidade. Tendo como objectivo central compreender os usos do termo e do conceito de humanidade (e seus conexos, como humano, humanização e tantos outros) a propósito do fenómeno literário, coloca-se a hipótese de a relação entre literatura e humanidade constituir um problema teórico fundamental.

Como ponto de partida da investigação poderemos evocar o ensaio *A Desumanização da Arte*, de José Ortega y Gasset (1925): percebe-se aí como, nas primeiras décadas do século xx, eram perspectivados os efeitos da literatura nos leitores e na sociedade, e encontra-se nos argumentos sobre o valor da nova arte «desumanizada» uma muito estimulante linha de pensamento. No entanto, torna-se difícil ultrapassar a perplexidade sobre o uso de «desumanização», sendo sempre necessário explicar em que sentido Ortega y Gasset estava a utilizar a palavra, e o que pretendia dizer ao valorar positivamente o carácter «desumano» na arte. Haverá que discernir a medida do problema aqui latente, e perceber a complexidade do tópico para além das mais banais asserções sobre a literatura como «expressão humana» ou como «experiência humanizadora». Para isso, será fundamental averiguar a história destas fórmulas apologéticas tornadas lugares-comuns e, porventura, entrever modos de as reanimar, ou reformular.

As questões que despontam neste contexto assumem contornos vastos. Como será possível delinear um entendimento forte da literatura enquanto exercício válido e relevante no universo humano actual? Ou, dito de outro modo, como se poderá argumentar persuasivamente sobre a validade e a relevância da literatura face a noções abrangentes de humanidade ou de humanismo? Sem menosprezar o risco de incorrer em imprecisões ou ambiguidades, afigura-se aqui pertinente considerar mais exaustivamente a questão, em especial porque, neste limiar do século XXI, a perspectivação do valor da literatura, e das práticas a ela associadas, se articula em larga medida com a possibilidade de assumir um renovado olhar sobre as mútuas implicações entre a experiência literária e o entendimento da vida humana.

Para traçar o mapa da multiplicidade de problemas suscitados pela simples menção da palavra humanidade, e termos conexos, no âmbito dos Estudos Literários, haverá que esclarecer a tripla vertente em que se desdobra este tópico. Em primeiro lugar, importa confrontar o incerto domínio desenhado pelas tentativas de definição do conceito de humanidade, entendido ora como designação da espécie ora como qualidade distintiva dos seres. As discussões sobre a noção de natureza humana, ou sobre a dignidade e os direitos humanos, constituem a face visível de um questionamento intenso, e tendencialmente polémico, a propósito da identidade e das fronteiras da espécie. É necessário equacionar esse debate no âmbito da cultura ocidental, quer perante uma história antiga de reflexão filosófica e de experimentação científica, em que os animais e as máquinas constituíram os tradicionais alvos de comparação, quer face às incessantes descobertas da biotecnologia, na contemporaneidade.

Numa segunda perspectiva, podem ser apreciadas as maneiras como a questão da definição do humano se cruzou, desde a Anti-

guidade Clássica, com a identificação de atitudes distintivas, seja no campo da educação dos indivíduos, traduzidas na valorização de determinados acervos de conhecimento e de certas modalidades de saber radicados no uso da linguagem verbal, seja no domínio dos valores morais, consubstanciados na apologia de comportamentos solidários em relação aos outros membros da espécie. A confusão, que se tornou quase indistinção, entre estes dois aspectos emana da ambiguidade original do termo latino *humanitas*, ao qual se associou tanto uma acepção educativa (de que é conexas a definição das Humanidades, ou dos estudos humanísticos), como uma conotação ética (que se concretizou em propostas de moralidade dita humanista, ou humanitária). Quando, no final do século XIX, esta visão englobante entrou abertamente em crise, emergiram os discursos de crítica ao humano, ou «demasiado» humano, ao humanismo, às Humanidades, e à tradição humanística; e o contraponto mais visível veio a ser a consideração positiva do inumano ou da desumanização. Nas primeiras décadas do século XX assistiu-se, assim, à explícita revisitação da ideia de humanidade na sua amálgama significativa, através de um escrutínio crítico que procurou, em especial, distinguir a vertente ética das vertentes artística e epistemológica, explorando uma estreita correlação entre estas últimas. Atenuado o significado moral deste universo conceptual, as discussões durante todo o século XX examinaram a sua complexidade tendencialmente em associação com o questionamento dos modelos de conhecimento e de representação.

Neste plano de indagação sobre o que haverá de distintamente humano nos processos de conhecimento e de representação, e sobre o que haverá de convenção interpretativa e representativa nas definições de humanidade, situa-se uma terceira vertente da questão aqui em estudo, já mais próxima da reflexão sobre a arte,

e muito concretamente da reflexão sobre a literatura. Ao equacionar o tópico da «humanidade da literatura», pretende-se sublinhar a importância de perspectivar o problema no plano artístico. A literatura revela uma específica marca de humanidade na justa medida em que se assume como incessante tentativa de articulação entre, por um lado, o trabalho artístico sobre a linguagem verbal e, por outro, a inevitável apresentação de retratos de vida, ou imagens de realidade. Esse fundamental problema de gestão da inescapável transitividade da representação literária será aqui analisado a partir da leitura atenta dos romances *Admirável Mundo Novo* (*Brave New World*, 1932), de Aldous Huxley, e *A Condição Humana* (*La Condition humaine*, 1933), de André Malraux, e das narrativas breves do volume *Seis Falsas Novelas* (1927), de Ramón Gómez de la Serna. Assim se perceberá como um conjunto de narrativas literárias, provenientes de diferentes universos linguísticos e culturais europeus, mas cronologicamente coincidentes no ambiente literário das décadas de 1920 e 1930, testemunham aspectos essenciais a propósito das afinidades entre a literatura e a humanidade. Numa época em que se ensaiavam as mais radicais cisões entre a arte e a vida, estas narrativas dão conta da estreita confluência entre os dois domínios, não porque perfilhem paradigmas estéticos distintos dos do seu tempo, mas apenas porque fazem assentar a sua legibilidade numa arguta reunião dos dois planos, *i.e.*, a experimentação discursiva e a invocação de temas da realidade contemporânea. De entre esses temas, sobressaía o questionamento em torno das definições de humano, humanidade e humanismo.

Conforme aqui se demonstra, nem os romances de Huxley e de Malraux, nem as novelas de Gómez de la Serna procuravam apresentar respostas definitivas, ou sequer verdadeiramente coerentes, a essa pluralidade de questionamentos. Aliás, como repe-

tidamente se argumenta no decurso deste ensaio, a literatura, por definição, não se confunde com a reflexão ética ou epistemológica – ou, dito de outro modo, evocando o título de Gómez de la Serna, as «histórias falsas» não se confundem com a estipulação das «verdades humanas». Contudo, as histórias revelam-se humanas na proporção directa em que as verdades, ou as realidades, deixam também entrever a sua fundamental margem de falsidade, por resultarem igualmente, em alguma medida, de um processo de representação. Ao situar-se na encruzilhada fundamental dos problemas de representação, entre o reconhecimento da realidade e o exercício das faculdades inventivas, a literatura proporciona um modo privilegiado de entender uma certa (sempre incerta) noção de humanidade.

Este ensaio constitui o resultado de uma investigação de doutoramento desenvolvida no Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dos muitos agradecimentos pessoais e institucionais, sempre devidos em projectos desta natureza, e pormenorizadamente assinalados no limiar da dissertação apresentada à Universidade de Lisboa e defendida em Janeiro de 2009, julgo agora dever reiterar o reconhecimento aos principais interlocutores da minha reflexão: a Maria de Lourdes A. Ferraz e a Miguel Tamen, professores orientadores desta investigação, agradeço a atenção, a disponibilidade e o diálogo crítico e rigoroso com que sempre acolheram o meu trabalho. Ao Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e à sua directora, Helena Carvalhão Buescu, quero agradecer vivamente o apoio prestado na publicação deste volume. E porque este projecto não permaneceu isento de repercussões na minha vida durante os vários anos em que se prolongou, deverei

sempre um afectuoso agradecimento a todos os amigos e colegas que generosamente me ajudaram a enfrentar este desafio, e muito em especial aos meus pais, pela compreensão e pelo apoio incondicional em todos os momentos.

CAPÍTULO 1

LITERATURA E HUMANIDADE

Mas o senhor acreditando que alguma coisa humana é de todo impossível, então é que o senhor não pode mesmo ser chefe de jagunço, nem na menor metade só de um diazinho, nem somente nos vastos imaginados.

JOÃO GUIMARÃES ROSA,
Grande Sertão: Veredas

1.1 PALAVRAS E PROBLEMAS

No prólogo a um conjunto de ensaios em que se discutiam os aspectos históricos e filosóficos da definição de «fronteiras de humanidade», Bernard Williams traçava o retrato da situação das ciências humanas no final do século xx, afirmando:

«Humanidade» é, evidentemente, um nome não apenas de uma espécie mas de uma qualidade, e pode ser que as mais profundas razões contemporâneas de desconfiança face a uma consideração humanista das ciências humanas estejam associadas a uma suspeição dessa qualidade, ao desespero face às suas perspectivas, ou, muitas vezes, ao ódio a ela. (Williams 1991: 22)¹

Estas observações permitem identificar diversos problemas relativos à utilização do conceito de «humanidade» no discurso crítico actual. A consideração desses problemas possibilitará, por um lado, traçar o mapa das questões mais evidentes a propósito da aproximação entre as noções de literatura e de humanidade

¹ Para maior clareza do discurso, optou-se pela tradução, no corpo do texto, de todas as citações; essa tradução é sempre da minha responsabilidade, salvo indicação em contrário.

e, por outro, entrever as maneiras como aqui se perspectivará este tópico.

Em primeiro lugar, Williams alerta para a dupla significação da palavra: humanidade não é apenas um nome colectivo, ou seja, a designação de uma espécie, a identificação do conjunto dos seres humanos, mas revela-se também um nome abstracto, pois alude a uma qualidade geral, tendencialmente identificável como distintiva dos seres pertencentes a essa espécie. Assim, humanidade é ao mesmo tempo sinónimo de «espécie humana» e de «qualidade humana». Como a qualidade se presume definida e testemunhada pela existência dos elementos da espécie, e como a espécie se presume definida e delimitada pela identificação da qualidade, torna-se muito fácil usar a palavra «humanidade» para referir indistintamente o conjunto das pessoas humanas e a amálgama de características próprias dessas pessoas. Esta indistinção não seria especialmente relevante se não fosse pela dificuldade, sempre pressentida, em circunscrever com rigor essas características que qualificam as pessoas como humanas ou, dito de outro modo, se não houvesse uma continuada margem de indefinição nas fronteiras da humanidade. Conforme adiante se verá, são múltiplos os sinais reveladores da transformação histórica e da acesa discussão actual em torno destas noções, pelo que usar a palavra «humanidade» implica correr o risco de aceitar um conceito instável e controverso, susceptível de provocar suspeições, desesperos, talvez mesmo ódios, a julgar pelo diagnóstico de Bernard Williams.

De um segundo ponto de vista, a frase de Williams aponta para a ramificação vocabular e conceptual que suscitou adjectivação específica como «humanista» e a autonomização de expressões como «ciências humanas». Utilizar a palavra «humanidade» em contextos de crítica literária implica convocar uma constela-

ção de outras palavras, em que se destacam, por exemplo, Humanismo e Humanidades, e logo se percebe que tentar fazer o mapa ou contar a história de tal constelação conduz ao adensamento dos problemas. Por entre a multiplicidade de sentidos implicados, constata-se a prolongada importância na tradição ocidental de um vasto vocabulário derivado, de formas variadas e em momentos distintos, dos termos latinos *homo*, *humanus* e *humanitas*. Como a história destas palavras está também directamente relacionada com as transformações da noção de humanidade (espécie e qualidade), o ponto de partida será, aqui, uma tentativa de esclarecimento que não esquece, contudo, a justeza de afirmações um tanto paradoxais, como as de Tony Davies: «O significado de ‘humanismo’ é a confusão ou a luta semântica que torna os seus significados tão difíceis de alcançar.» (Davies 1997: 128). Em regra, revela-se necessária esta aceitação do emaranhamento dos sentidos, por vezes mesmo conflituosos, como base de entendimento destes conceitos.

Um terceiro aspecto a sublinhar nas observações de Bernard Williams prende-se com a referência à contemporânea «desconfiança face a uma consideração humanista das ciências humanas». Num outro momento do ensaio, Williams alude à «resistência» em identificar as ciências humanas «em termos humanistas» (Williams 1991: 20-21) e percebe-se que, em seu entender, essa consideração «humanista» significa, no âmbito geral do estudo dos seres humanos e das possíveis fronteiras da humanidade, a estima das Humanidades, ou melhor, a valorização dos campos do saber que procuram discernir sentido nas manifestações da cultura humana. Williams argumenta claramente a favor da importância de certas formas de conhecimento que parecem desprezadas por um olhar «científico» dominante, e assim se pressente o eco da discussão entre visões «humanistas» e visões «científicas»:

Se é uma verdade etológica que os seres humanos vivem conforme a cultura, e se esse facto torna inteligível que eles vivam com ideias sobre o passado e com concepções crescentemente complexas sobre as ideias que eles próprios têm, então não constitui qualquer insulto para o espírito científico que um estudo sobre eles deva exigir um conhecimento dessas culturas, dos seus produtos, e das suas histórias reais e imaginadas. (Williams 1991: 20)

Estas palavras testemunham a assunção de uma posição crítica face à «desconfiança» ou à «resistência» em considerar o valor das ciências humanas, sendo que esta defesa (quase apologia) se compreenderá melhor quando enquadrada na história da controvérsia, muito acesa nas últimas décadas, a propósito da validade e da legitimidade das diferentes formas de conceber o conhecimento. Tal controvérsia foi continuamente marcada pelo modo como se perspectivaram as várias dimensões do humano e, também, pelas diversas maneiras como se foram moldando as noções de conhecimento, ciência e arte. Por isso mesmo, será importante não só procurar esclarecer as discussões sobre as fronteiras da «humanidade» e sobre as indefinições em torno das palavras da mesma família semântica (na secção 1.2.), como também equacionar estas questões no âmbito do debate mais vasto a propósito da relevância das ciências humanas (na secção 1.3.), considerando, depois, a especificidade dos contributos da literatura e dos estudos literários neste campo (na secção 1.4.).

1.2

DEFINIÇÕES E FRONTEIRAS DE HUMANIDADE

Num livro de divulgação que se apresenta como «uma breve história da humanidade», Felipe Fernández-Armesto propõe uma análise da construção histórica do conceito de humanidade a partir do pressuposto da sua radical contingência, afirmando que os actuais limites do conceito não são «nem óbvios nem universais» e que, por exemplo, se aceitamos pertencer à espécie humana, isso acontece «não porque tenhamos quaisquer qualidades particulares, mas porque essa é a maneira como desenhamos as fronteiras da nossa linhagem» (Fernández-Armesto 2004: 7 e 5). Estas observações sublinham as duas vertentes da argumentação que, actualmente, enfatiza a dificuldade em estabelecer uma definição de humanidade: por um lado, são diversas as objecções a todas as tentativas de encontrar características distintivas e de, assim, traçar limites seguros de humanidade, com a conseqüente tendência para o alargamento, ou quase diluição, do conceito; por outro lado, é imperioso lembrar a dimensão histórica desta noção, ou seja, o percurso que conduziu tanto à preocupação em delimitar o grupo humano como à aceitação de uma ideia crescentemente englobante. Embora pareçam hoje dominantes estas alertas sobre a incerta validade de quaisquer definições de humanidade, a verdade é que permanece a ideia de que tais definições são importantes, ou mesmo

absolutamente necessárias, segundo algumas perspectivas, e a sua discussão continua a ter implicações consideráveis. A conjugação de premissas filosóficas com argumentos científicos e motivações políticas confere a esta questão uma complexidade que resiste a qualquer olhar apressado.

De acordo com os testemunhos mais recentes oriundos da investigação biológica e tecnológica, em especial nos campos específicos da genética, da inteligência artificial, da primatologia e da paleoantropologia, afigura-se inviável distinguir os seres humanos com base em qualquer característica exclusiva de entre as habitualmente assinaladas: o fabrico e emprego de utensílios, o uso de linguagem, a produção artística e os comportamentos gratuitos, a utilização do fogo, a aprendizagem e a transmissão de costumes e rituais, a demonstração de um pensamento livre e intencional, a memória, os afectos, o riso. Como sublinha Fernández-Armesto (2004: 12-36), estas características ou não são partilhadas por todos os seres ditos humanos (por exemplo, as crianças ou as pessoas com algum tipo de limitação) ou foram identificadas também em seres não considerados humanos, nomeadamente os grandes primatas ou os mais recentes e sofisticados autómatos. As fronteiras da humanidade surgem assim desafiadas pela evidência tanto biológica como comportamental de animais e máquinas, cuja proximidade se presente de um modo cada vez mais intenso.

Neste domínio das características específicas, partilháveis ou não com outros seres, coloca-se a controversa questão da natureza humana, entendida como o resíduo mínimo de elementos definidores da humanidade. Certas abordagens mais atentas à evolução da espécie ocasionaram descrições sucintas e assertivas como a do antropólogo André Leroi-Gourhan: «Posição de pé, face curta,

mão livre durante a locomoção e posse de utensílios amovíveis são verdadeiramente os critérios fundamentais da humanidade.» (Leroi-Gourhan 1964: 33). Contudo, estes retratos ignoram vários aspectos habitualmente associados à ideia de natureza humana. Embora a palavra «natureza» pareça indicar a remissão para elementos biológicos inatos e para a integração harmoniosa no ambiente propício do ecossistema terrestre, o conceito não se restringe à identificação fisiológica da espécie, mas antes questiona a relação entre certas constantes biológicas (aliás, desafiadas pelo princípio da evolução histórica das espécies) e certas regularidades do comportamento humano. Tomando a ambiguidade da palavra tal como é assinalada por Gernot Böhme (2002), dir-se-á que o esclarecimento da «natureza humana», entendida, numa primeira acepção, como a essência definidora dos seres humanos, inclui a ponderação sobre a natureza das pessoas, ou seja, numa segunda acepção, a sua existência natural, terrestre, corpórea – mas não se reduz a este aspecto. No limite, a questão central a propósito da natureza humana traduzir-se-á precisamente em determinar «se a existência natural [*Natursein*] constitui uma parte da essência do ser humano» (Böhme 2002: 3).

A discussão antiga em torno do peso relativo dos aspectos orgânicos face às aprendizagens sociais e culturais na definição da humanidade (*i.e.*, na abreviada expressão inglesa, o debate «*nature* versus *nurture*») perdura e intensifica-se nos cenários actuais. Ao traçar a história desta discussão, Justin Stagl refere as oposições entre natureza e costume, e entre natureza e técnica, estabelecidas pelos sofistas, situando na Grécia Antiga a valorização da cultura (*i.e.*, a organização política e social, e o domínio de técnicas) enquanto aspecto distintamente humano. Ao mesmo tempo, lembra Stagl, assistia-se ao despontar das «doutrinas de

relativismo moral e cognitivo» (Stagl 2000: 27), cujo epítome será a célebre asserção de Protágoras: «O homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto existem, e das que não são, enquanto não existem.»² Esta localização dos critérios de entendimento do mundo ao nível da existência contingente do próprio ser humano constitui, segundo Stagl, a base das modernas perspectivas antropológicas e das visões historicistas e empiristas, que abandonaram a noção de uma natureza humana «imutável» (*idem*: 28) e contestam a hipótese de identificar «universais culturais» (*idem*: 29).

Com efeito, a tradição ocidental construiu continuadas imagens da natureza humana (ou da essência da humanidade) a partir da tensão latente entre a vertente natural e a vertente cultural dos indivíduos. Valorizou-se principalmente a «emancipação face à natureza» (Böhme 2002: 4), isto é, a capacidade humana para ultrapassar os constrangimentos inerentes à existência biológica e à vida na Terra, considerando que o controlo, ou mesmo a repressão, da dimensão natural constituiria o cumprimento dos desígnios tipicamente humanos de sociabilidade, racionalidade e moralidade. Na descrição de Edgar Morin, «desde Descartes, pensamos contra a natureza, seguros de que a nossa missão é dominá-la, domá-la, conquistá-la» (Morin 1973: 20). Como explicita Robert Legros (1990), a história moderna da «ideia de humanidade» radica justamente na valorização progressiva das capacidades reveladas pelos seres humanos para se «libertarem» do mundo natural. Os traços que mais bem identificam os humanos pareceram, assim, situar-se no plano das realizações culturais, seja pelo exercício das aptidões técnicas e artísticas, seja pela implementação de sistemas de organização política e social.

2 Frg. 1 Diels, tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira (1990: 257).

Ora, o favorecimento de uma definição cultural (e desnaturalizada) da humanidade abriu caminho ao primeiro grande desafio à estabilidade da noção de natureza, ou essência, humana. Este desafio enquadra-se, em especial desde os finais do século XVIII, na denúncia da relatividade dos conceitos que organizam a vida social e individual, e na aceitação da considerável maleabilidade das possibilidades do viver humano. Com a evidência empírica da variedade dos povos em contacto, crescente desde o século XVI, a própria noção filosófica de unidade humana transformou-se numa noção de «unidade diferenciada susceptível de conter a multiplicidade e a diferenciação, no fundo, uma unidade plástica capaz de assumir formas diversas» (Serrão 2002: 15). A dificuldade em reconhecer princípios definidores essenciais e absolutos acentua-se com a convicção de que também a ideia de humano tem uma história (uma genealogia, nos termos de Nietzsche) e mesmo uma localização, pois parece variar assinalavelmente em contextos geográficos diversos. São estes os argumentos centrais das influentes teorizações filosóficas e sócio-antropológicas que, desde finais do século XIX, procuraram demonstrar a dimensão ilusória (e mesmo uma certa insidiosa falsidade) das tradicionais definições essencialistas de humanidade³. Ainda na descrição de Morin, «a ideia de natureza humana viria então a perder o núcleo, a tornar-se um protoplasma fluido, com a tomada de consciência da evolução histórica e da diversidade das civilizações» e, no limite, considerou-se que a essência humana se resumia a «uma matéria-prima maleável à qual apenas a cultura ou a história dão forma» (Morin 1973: 20).

3 Para uma síntese esquemática de concepções filosófico-antropológicas preponderantes no pensamento ocidental desde o século XVII, veja-se St-Onge 2006.

CAPÍTULO 2
A HUMANIDADE DE UM
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Whether we like it or not, ours is the Age of Science. What can a writer do about it? [...] The writer, whose primary concern is with purer words and the more private of human experiences, must learn something about [...] conceptual systems described in purified words of another kind – the words of precise definition and logical discourse.

ALDOUS HUXLEY,
Literature and Science

CAPÍTULO 3
A CONDIÇÃO HUMANA
NESTE MUNDO

L'humanisme, ce n'est pas dire: «Ce que j'ai fait, aucun animal ne l'aurait fait», c'est dire: «Nous avons refusé ce que voulait en nous la bête, et nous voulons retrouver l'homme partout où nous avons trouvé ce qui l'écrase.»

ANDRÉ MALRAUX,
Les Voix du Silence

CAPÍTULO 4
HISTÓRIAS FALSAS
E VERDADES HUMANAS

En todas [las novelas] hay que presentar, en estado de paroxismo del decir y del ser, al hombre siempre antediluviano en los valles inmensos de un tiempo, a la vez primero y último.

RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA,
Ismos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W.
1981: «Aldous Huxley and Utopia». *Prisms*. Trad. Samuel and Shierry Weber. Cambridge, MA: The MIT Press. 97-117.
- AGUIAR E SILVA, Vítor
2010: *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- ALDRIDGE, A. Owen
1989: «Literature and the Study of Man», DENNIS, Philip A. e AYCOCK, Wendell (eds.), *Literature and Anthropology*. Lubbock: Texas Tech University Press. 41-63.
- APTER, Emily
2006: *The Translation Zone. A New Comparative Literature*. Princeton e Oxford: Princeton University Press.
- ARENDT, Hannah
1998 [1958]: *The Human Condition*. 2.^a ed., Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- ARISTÓTELES
Poética. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- ARMENGAUD, Françoise
1993: «Animalité et humanité», *Encyclopedia Universalis. Symposium. Les Enjeux*. Paris. 19-30.
- ASSMANN, Aleida
2000: «Redefining the Human. A Survey of Approaches to Literary Anthropology», ROUGHLEY, Neil (ed.), *Being Humans. Anthropological Universality and Particularity in Transdisciplinary Perspectives*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter. 199-215.
- AUBERT, Paul (ed.)
2001: *La novela en España (siglos XIX-XX)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- AYER, A. J. (ed.)
1968: *The Humanist Outlook*. Londres: Pemberton Publishing Co. Ltd.
- BADMINGTON, Neil (ed.)
2000: *Posthumanism*. Nova Iorque: Palgrave.

- BAKER, Robert S.
1990: *Brave New World. History, Science, and Dystopia*. Boston: Twayne Publishers.
- 2001a: «Introduction», HUXLEY, Aldous, *Complete Essays. Volume III, 1930-1935*. BAKER, Robert S. e SEXTON, James (eds.). Chicago: Ivan R. Dee. xiii-xx.
- 2001b: «Science and Modernity in Aldous Huxley's Inter-war Essays and Novels», BARFOOT, C. C. (ed.), *Aldous Huxley between East and West*. Amsterdão e Nova Iorque: Rodopi. 35-58.
- BARFOOT, C. C. (ed.)
2001: *Aldous Huxley between East and West*. Amsterdão e Nova Iorque: Rodopi.
- BESSIÈRE, Jean
2009: «Littérature de science-fiction: Une vue de nulle part. Notes pour une mise en situation de la littérature de science-fiction», MARTINS, Lourdes Cância, *ACT 18 – Utopia e Ciência*. Ribeirão: Húmus. 37-58.
- BLIN, Jean-Pierre
1995: «L'aphorisme dans les romans», CRESCIUCCI, Alain (ed.), *Malraux. La Condition humaine*. Paris: Klincksieck. 33-41.
- BLOOM, Harold
1996: «Introduction», *Aldous Huxley's Brave New World*. Editado por e com introdução de H. Bloom. Nova Iorque: Chelsea House Publishers.
- 1998: *Shakespeare. The Invention of the Human*. Nova Iorque: Riverhead Books.
- BLUE, Gregory
2001: «Scientific humanism at the founding of UNESCO», *Comparative Criticism. An Annual Journal*. Volume 23. 173-200.
- BOCK, Kenneth
1994: *Human Nature Mythology*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press.
- BÖHME, Gernot
2002: «On Human Nature», GRUNWALD, Armin et al. (eds.), *On Human Nature. Anthropological, Biological, and Philosophical Foundations*. Berlim: Springer. 5-14.
- BOOKER, M. Keith
1994: *Dystopian Literature. A Theory and Research Guide*. Westport e Londres: Greenwood Press.
- BOURBON, Brett
2004: *Finding a Replacement for the Soul. Mind and Meaning in Literature and Philosophy*. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press.
- BRADBURY, Malcolm e MCFARLANE, James (eds.)
1991: *Modernism. A Guide to European Literature. 1890-1930*. Londres: Penguin Books.
- BRANDER, Laurence
1969: *Aldous Huxley. A Critical Study*. Londres: Rupert Hart-Davis.
- BRETON, André
1973 [1924]: «Manifeste du surréalisme», *Manifestes du surréalisme*. Paris: Gallimard. 5-64.
- BÜRGER, Peter
1984 [1974]: *Theory of the Avant-Garde*. Trad. Michael Shaw. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- BURKE, Kenneth
1966: *Language as Symbolic Action. Essays on Life, Literature and Method*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- CALINESCU, Matei
1987: *Five Faces of Modernity. Modernism, Avant-Garde, Decadence, Kitsch, Postmodernism*. Durham: Duke University Press.
- CAMÕES, Luís de
1974 [1572]: *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora.
- CARTWRIGHT, John H. e BAKER, Brian
2005: *Literature and Science. Social Impact and Interaction*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO.
- CHAMBERS, Iain
2001: *Culture after Humanism. History, Culture, Subjectivity*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- COLLINI, Stefan
1998: «Introduction», SNOW, C. P., *The Two Cultures*. Cambridge: Cambridge University Press. vii-lxxiii.
- COMFORT, Kelly (ed.)
2008: *Art and Life in Aestheticism. De-Humanizing and Re-Humanizing Art, the Artist, and the Artistic Receptor*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Comparative Criticism. An Annual Journal*. Volume 23: «Humanist traditions in the twentieth century.» SHAFFER, Elinor S. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CORDEIRO OLIVEIRA, Cristina R.
1983: *La représentation concrète de l'univers abstrait de Malraux dans La Condition Humaine*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CRANE, Ronald S.
1967: *The Idea of the Humanities and Other Essays Critical and Historical*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- CRESCIUCCI, Alain (ed.)
1995: *Malraux. La Condition Humaine*. Coll. Parcours Critique. Paris: Klincksieck.
- DAVIES, Tony
1997: *Humanism*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

- DEERY, June
2002: «Literature and Science. Twentieth Century», GOSSIN, Pamela (ed.), *Encyclopedia of Literature and Science*. Westport e Londres: Greenwood Press. 252-258.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor
2002 [1880]: *Os Irmãos Karamázov. I Volume*. Trad. Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Editorial Presença.
- DUNAWAY, David King
2002: «Huxley and Human Cloning: *Brave New World* in the Twenty-First Century», *Aldous Huxley Annual*. Volume 2, 165-179.
- DUPRÉ, John
1991: «Reflections on Biology and Culture», SHEEHAN, James J. e SOSNA, Morton (eds.), *The Boundaries of Humanity. Humans, Animals, Machines*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press. 125-131.
- EAGLESTONE, Robert
1997: *Ethical Criticism. Reading After Levinas*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- EHRlich, Paul
2000: *Human Natures: Genes, Cultures, and the Human Prospect*. Washington, DC: Island Press Shearwater Books.
- ELIAS, Norbert
1991 [1985]: *A Condição Humana*. Trad. Manuel Loureiro. Lisboa: Difel.
- ELLIOTT, Robert C.
1970: *The Shape of Utopia. Studies in a Literary Genre*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- EYRIÈS, Alexandre
2007: *André Malraux: une ontologie de l'engagement*. Paris: Éditions Connaissances et Savoirs.
- FEIJÓ, António M.
1999: «Mimese», *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa e São Paulo: Editorial Verbo. Vol. 3. 788-794.
- FERNANDES, Ângela
2004a: *Os Efeitos da Literatura. Algumas Questões de Arte e de Moral*. Lisboa: Edições Colibri.
2004b: «La presentación literaria de la vida humana (Ortega y Gasset, Pío Baroja y la novela histórica)», ARENAS LOZANO, Verónica et al. (eds.). *Líneas actuales de investigación literaria. Estudios de literatura hispánica*. Valência: ALEPH e Universitat de Valência. 405-411.
2005: «A condição humana entre André Malraux e Jorge de Sena», *Românica*, n.º 14. Lisboa. 203-214.
2007: «Teorias pós-humanas e estudos literários», ARAÚJO, Horácio Peixoto de e FARIA, Luísa Leal de (coord.), *Tecnologia e Sociedade. Tecnologia, Humano e Pós-Humano* (Conhecer a FCH, Conferências Multidisciplinares, volume 2). Lisboa: Universidade Católica Editora. 85-94.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe
2004: *So You Think You're Human? A Brief History of Humankind*. Oxford: Oxford University Press.
- FERREIRA, Maria Aline S. Seabra
2005: *I am the Other. Literary Negotiations of Human Cloning*. Westport e Londres: Praeger.
- FIETZ, Lothar
1995: «The Fragmentariness of the Self: Continuity and Discontinuity in the Works of Aldous Huxley» NUGEL, Bernfried (ed.), *Now More Than Ever: Proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium Münster 1994*. Frankfurt am Main: Peter Lang. 347-358.
- FIRCHOW, Peter E.
1972: *Aldous Huxley: Satirist and Novelist*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
1984: *The End of Utopia. A Study of Aldous Huxley's Brave New World*. Londres e Toronto: Associated University Presses.
2002: «Brave at Last: Huxley's Western and Eastern Utopias», FIRCHOW, Evelyn S. e NUGEL, Bernfried (eds.), *Reluctant Modernists: Aldous Huxley and Some Contemporaries*. Münster: LIT. 209-228.
- FLEISHMAN, Avrom
1971: *The English Historical Novel. Walter Scott to Virginia Woolf*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins Press.
- FOUCAULT, Michel
1966: *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
s.d.: *As palavras e as coisas*. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: Portugália Editora.
- FREITAS, Maria Teresa de
1991: «L'irruption de l'irrationnel dans l'histoire», *André Malraux*, n.º 8. Paris: Lettres Modernes – Minard. 89-110.
- FRIEDMAN, Melvin J.
1991: «The Symbolist Novel: Huysmans to Malraux», BRADBURY, Malcolm e MCFARLANE, James (eds.), *Modernism. A Guide to European Literature. 1890-1930*. Londres: Penguin Books. 453-466.
- FROHOCK, Wilbur M.
1995: «Gisors et la condition humaine», CRESCIUCCI, Alain (ed.), *Malraux. La Condition humaine*. Paris: Klincksieck. 48-57.
- FUDGE, Erica, GILBERT, Ruth e WISEMAN, Susan (eds.)
1999: *At the Borders of the Human: Beasts, Bodies and Natural Philosophy in the Early Modern Period*. Londres e Nova Iorque: MacMillan & St. Martin's Press.
- FUKUYAMA, Francis
2002: *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*. Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux.

- FUSS, Diana (ed.)
1996: *Human, all too Human*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- GAILLARD, Pol (org.)
1970: *Les critiques de notre temps et Malraux*. Paris: Éditions Garnier Frères.
- GARCÍA, Miguel Ángel
2001: *El Veintiesete en Vanguardia: Hacia una lectura de las poéticas moderna y contemporánea*. Valência: Pre-textos.
- GARCÍA GUAL, Carlos
1999: *Sobre el descrédito de la literatura y otros avisos humanistas*. Barcelona: Ediciones Península.
- GAYNESFORD, Max de
1998: «Humanism, Reflective Capacities and Prejudice», *Angelaki. Journal of the Theoretical Humanities*. Número especial: «Impurity, Authenticity and Humanity.» Vol. 3, n.º 1, April 1998. 109-116.
- GLIKSOHN, Jean-Michel
1989: «La Condition Humaine: Notice», MALRAUX, André, *Oeuvres Complètes I*. Dir. Pierre Brunel. Bibliothèque de la Pléiade, n.º 70. Paris: Gallimard. 1272-1285.
- GODARD, Henri
1990: *L'autre face de la littérature. Essai sur André Malraux et la littérature*. Paris: Gallimard.
2003: *Une grande génération. Céline, Malraux, Guilloux, Giono, Montherlant, Malaquais, Sartre, Queneau, Simon*. Paris: Gallimard.
- GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón
1999 [1927, 1945]: *Seis falsas novelas. Obras Completas XI*. Ed. Ioana Zlotescu. Barcelona: Círculo de Lectores e Galaxia Gutenberg. 229-371.
2002: *6 falsas novelas*. Trad. José Colaço Barreiros. Lisboa: Antígona.
2005 [1925]: *El Novelista*. Ed. Domingo Ródenas. Madrid: Espasa Calpe.
2005 [1931]: *Ismos. Obras Completas XVI*. Ed. Ioana Zlotescu, Barcelona: Círculo de Lectores e Galaxia Gutenberg. 299-681.
- GOSSIN, Pamela (ed.)
2002: *Encyclopedia of Literature and Science*. Westport e Londres: Greenwood Press.
- GRAFTON, Anthony e JARDINE, Lisa
1986: *From Humanism to the Humanities. Education and the Liberal Arts in Fifteenth and Sixteenth-Century Europe*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- GRASSI, Ernesto
1993: *La filosofía del Humanismo. Preeminencia de la palabra*. Trad. Manuel Canet. Barcelona: Editorial Anthropos.
- GREEN, Christopher
2001: «Humanisms: Picasso, Waldemar George and the politics of 'man' in the 1930s» *Comparative Criticism. An Annual Journal*. Volume 23. 231-254.
- GREENLEE, James W.
1975: *Malraux's heroes and history*. DeKalb: Northern Illinois University Press.
- GRUNWALD, Armin *et al.* (eds.)
2002: *On Human Nature. Anthropological, Biological, and Philosophical Foundations*. Berlin: Springer.
- GUILLEBAUD, Jean-Claude
2001: *Le Principe d'Humanité*. Paris: Seuil.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich
2000: «*Literary Anthropology*»? <http://prelectur.stanford.edu/lecturers/iser/gumbrecht.html> (22.09.2008)
- GUTHRIE, W. K. C.
1971: *The Sophists*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HABERMAS, Jürgen
2003: *The Future of Human Nature*. Trad. Max Pensky. Cambridge: Polity Press.
- HALLIWELL, Martin e MOUSLEY, Andy
2003: *Critical Humanisms. Humanist/Anti-Humanist Dialogues*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- HAM, Jennifer e SENIOR, Matthew (eds.)
1997: *Animal Acts: Configuring the Human in Western History*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- HANEY, William S. e MALEKIN, Peter (eds.)
2001: *Humanism and the Humanities in the Twenty-first Century*. Lewisburg e Londres: Bucknell University Press e Associated University Presses.
- HARAWAY, Donna J.
1991: *Simians, Cyborgs, and Women*. Londres: Free Association Books.
- HARRIS, Derek (ed.)
1995: *The Spanish avant-garde*. Manchester e Nova Iorque: Manchester University Press.
- HARRIS, Geoffrey T.
1972: *André Malraux: l'éthique comme fonction de l'esthétique*. Paris: Lettres Modernes.
1996: *André Malraux. A Reassessment*. Londres e Nova Iorque: MacMillan e St. Martin's Press.
- HARRIS, Geoffrey T. (ed.)
2000: *André Malraux. Across Boundaries*. Amsterdão e Atlanta: Rodopi.
- HARTWELL, David G. (ed.)
199: 7: *The Science Fiction Century*. Nova Iorque: Quality Paperback Book Club.
- HASSAN, Ihab
1980: «Prometheus as Performer: Toward a Posthumanist Culture?», *The Right Promethean Fire. Imagination, Science, and Cultural Change*. Urbana, Chicago, Londres: University of Illinois Press. 187-207.

- HAVARD, Robert (ed.)
2004: *Companion to Spanish Surrealism*. Woodbridge: Tamesis.
- HAYLES, N. Katherine
1999: *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- HERRICK, Jim
2005: *Humanism. An Introduction*. Nova Iorque: Prometheus Books.
- HOFFMANN, Joseph
1963: *L'Humanisme de Malraux*. Paris: Klincksieck.
- HOLLIER, Denis
1997: *Absent without Leave. French Literature under the Threat of War*. Trad. Catherine Porter. Londres e Cambridge, MA: Harvard University Press.
- HOLLIER, Denis (ed.)
1989: *A New History of French Literature*. Londres: Harvard University Press.
- HOYLE, Alan
2004: «Ramón Gómez de la Serna: Precursor», HAVARD, Robert (ed.), *Companion to Spanish Surrealism*. Woodbridge: Tamesis. 11-31.
- HUXLEY, Aldous
1963: *Literature and Science*. New Haven: Leete's Island Books.
1983 [1958]: *Brave New World Revisited*. Londres: Triad Grafton.
- 1998 [1932, 1946]: *Brave New World*. Nova Iorque: Harper Perennial.
2001 [1932]: «Science and Civilization», *Complete Essays. Volume III*.
BAKER, Robert S. e SEXTON, James (eds.). Chicago: Ivan R. Dee. 148-155.
2004 [1955]: *Admirável Mundo Novo*. Trad. Mário-Henrique Leiria. Lisboa: Livros do Brasil.
- INGOLD, Tim (ed.)
1988: *What is an Animal?* Londres: Unwin Hyman.
- ISER, Wolfgang
1993: *The Fictive and the Imaginary. Charting Literary Anthropology*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press.
- KAGAN, Jerome
2009: *The Three Cultures. Natural Sciences, Social Sciences, and the Humanities in the 21st Century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KAMERBEEK, Jan
1995: «Le titre de *La Condition humaine* dans sa perspective historique», CRESCIUCCI, Alain (ed.), *Malraux. La Condition humaine*. Paris: Klincksieck. 42-47.
- KARL, Frederick R.
1985: *Modern and Modernism. The Sovereignty of the Artist 1885-1925*. Nova Iorque: Atheneum.
- KNIGHT, Everett W.
1957: *Literature Considered as Philosophy. The French Example*. Londres: Routledge e Kegan Paul.
- KONNER, Melvin
1991: «Human Nature and Culture: Biology and the Residue of Uniqueness», SHEEHAN, James J. e SOSNA, Morton (eds.), *The Boundaries of Humanity. Humans, Animals, Machines*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press. 103-124.
- KRISTELLER, Paul Oscar
1982: *El Pensamiento Renacentista y sus Fuentes*. Trad. Federico Patán López. México: Fondo de Cultura Económica.
1988: «Humanism», SCHMITT, Charles B. (ed.), *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press. 113-137.
- KUMAR, Krishan
1987: *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*. Oxford e Nova Iorque: Basil Blackwell.
- KUVAKIN, Valerii A.
2003: *In Search of Our Humanity. Neither Paradise nor Hell*. Nova Iorque: Prometheus Books.
- KURTZ, Paul (ed.)
1977: *Humanist Manifestos I and II*. Nova Iorque: Prometheus Books.
- LACOUTURE, Jean
1973: *André Malraux. Une vie dans le siècle*. Paris: Seuil.
- LA METTRIE, Julien-Offray de
1966 [1747]: *L'Homme Machine*. Apresentação e notas de Gérard Delaloye. Utrecht: Jean-Jacques Pauvert.
- LANGLOIS, Walter G.
1967: *André Malraux: L'aventure indo-chinoise*. Paris: Mercure de France.
- LARRAT, Jean-Claude
1996: *Malraux, Théoricien de la Littérature, 1920-1951*. Paris: Presses Universitaires de France.
1996b: «La Condition Humaine et la question du roman d'aventure», AA.VV. *André Malraux*. Coll. Littératures Contemporaines, n.º 1. Paris: Klincksieck. 35-52.
2000: «Malraux and the crisis of narrative form», HARRIS, Geoffrey T. (ed.). *André Malraux. Across Boundaries*. Amsterdão-Atlanta: Rodopi. 75-98.
- LARRAT, Jean-Claude e LECARME, Jacques (eds.)
2002: *D'un siècle l'autre, André Malraux. Actes du colloque de Cerisy-la-Salle*. Paris: Gallimard.
- LATOUR, Bruno
1993: *We Have Never Been Modern*. Trad. Catherine Porter. Nova Iorque: Harvester Wheatsheaf.

- LEBLON, Jean e PICHOIS, Claude
1995: «*La Condition humaine*, roman historique?», CRESCIUCCI, Alain (ed.), *Malraux. La Condition humaine*. Paris: Klincksieck. 58-64.
- LEGROS, Robert
1990: *L'Idée d'humanité*. Paris: Grasset.
- LEROI-GOURHAN, André
1964: «L'image de l'homme», *Le Geste et la Parole. Technique et Langage*. Paris: Editions Albin Michel. 9-37.
- LEVINE, George
1987: «One Culture: Science and Literature», LEVINE, G. (ed.), *One Culture. Essays in Science and Literature*. Madison, WI: University of Wisconsin Press. 3-32.
- LUKÁCS, Georg
1981 [1937]: *The Historical Novel*. Trad. Hannah e Stanley Mitchell. Harmondsworth: Penguin Books.:
- MALRAUX, André
1989 [1933, 1946]: *La Condition humaine, Oeuvres complètes I*. Dir. Pierre Brunel. Bibliothèque de la Pléiade, n.º 70. Paris: Gallimard. 509-761.
2001 [1958]: *A Condição Humana*. Trad. Jorge de Sena. Lisboa: Livros do Brasil.
2004 [1946]: *Esquisse d'une psychologie du cinéma, Oeuvres complètes IV – Écrits sur l'art I*. Dir. Jean-Yves Tadié. Bibliothèque de la Pléiade, n.º 508. Paris: Gallimard. 1-16.
- 2004 [1951]: *Les Voix du silence, Oeuvres complètes IV – Écrits sur l'art I*. Dir. Jean-Yves Tadié. Bibliothèque de la Pléiade, n.º 508. Paris: Gallimard. 199-900.
- MARGOLIS, Joseph
2009: *The Arts and the Definition of the Human. Toward a Philosophical Anthropology*. Stanford: Stanford University Press.
- MARTÍNEZ-COLLADO, Ana
1988: «Introducción. Modernidad y nostalgia en la reflexión estética de Gómez de la Serna» GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón, *Una teoría personal del arte. Antología de textos de estética y teoría del arte*. MARTÍNEZ-COLLADO, Ana (ed.). Madrid: Tecnos. 9-35.
- MARTINS, Lourdes Câncio (ed.)
2009: *ACT 18 – Utopia e Ciência*. Ribeirão: Húmus.
- MESCHONNIC, Henri
1988: *Modernité, Modernité*. Paris: Verdier.
- MIDGLEY, Mary
2000: «Human Nature, Human Variety, Human Freedom», ROUGHLEY, Neil (ed.), *Being Humans. Anthropological Universality and Particularity in Transdisciplinary Perspectives*. Berlin e Nova Iorque: Walter de Gruyter. 45-63.
- MOATTI, Christiane
1983: *La Condition humaine d'André Malraux. Poétique du roman*. Paris: Minard.
1995: «Ouverture et clôture d'un roman engagé», CRESCIUCCI, Alain (ed.), *Malraux. La Condition humaine*. Paris: Klincksieck. 86-100.
- MORIN, Edgar
1973: *Le paradigme perdu: la nature humaine*. Paris: Éditions du Seuil.
2001: *La méthode 5. L'humanité de l'humanité. L'identité humaine*. Paris: Éditions du Seuil.
- MOUSLEY, Andy
2001: «Humanising Contemporary Theory, Re-humanising Literature», *Working Papers on the Web*. Vol. 2: «Value and Literature.» Novembro 2001. <http://extra.shu.ac.uk/wpw/value/mousley.htm> (22.09.2008)
- MURDOCH, Iris
1999 [1978]: «Art is the Imitation of Nature», Ed. Peter Conradi, *Existentialists and Mystics. Writings on Philosophy and Literature*. Nova Iorque: Penguin Books.
- MURRAY, Nicholas
2002: *Aldous Huxley, An English Intellectual*. Londres: Little, Brown.
- NICHOLLS, Peter
1995: *Modernisms. A Literary Guide*. Londres: Macmillan.
- NIETZSCHE, Friedrich
2000 [1887]: *Para a Genealogia da Moral. Um Escrito Polêmico*. Trad. José M. Justo. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- NUGEL, Bernfried (ed.)
1995: *More Than Ever: Proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium Münster 1994*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- NUSSBAUM, Martha C.
1990: *Love's Knowledge. Essays on Philosophy and Literature*. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press.
1997: *Cultivating Humanity. A Classical Defense of Reform in Liberal Education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- ORTEGA Y GASSET, José
1966 [1925]a: «La deshumanización del arte», in *Obras Completas, Tomo III*. Madrid: Alianza Editorial - Revista de Occidente. 353-386.
1966 [1925]b: «Ideas sobre la novela», in *Obras Completas, Tomo III*. Madrid: Alianza Editorial - Revista de Occidente. 387-419.
2003: «A desumanização da arte», in *A Desumanização da Arte e Outros Ensaios de Estética*. Trad. Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina. 37-74.
- PEREIRA, Frederico (ed.)
1997: *Dinâmicas da Subjectividade. I Congresso Europeu de Antropologia Literária*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- PEREIRA, Maria Helena da Rocha
1990: *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. 5.^a ed., Coimbra.
- PLATÃO
Protágoras. Trad. Ana P. E. Pinheiro. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
- RICO, Francisco
2002: *El sueño del humanismo. De Petrarca a Erasmo*. Ed. corrigida e aumentada. Barcelona: Ediciones Destino.
- ROBERTS, Adam
2006: *The History of Science Fiction*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- ROSA, João Guimarães
2001 [1956]: *Grande Sertão: Veredas*. 19.^a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ROUGHLEY, Neil (ed.)
2000: *Being Humans. Anthropological Universality and Particularity in Transdisciplinary Perspectives*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter.
- RUSSELL, Bertrand
2001 [1931]: *The Scientific Outlook*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- SAID, Edward
2004: *Humanism and Democratic Criticism*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- SANCHES, Manuela Ribeiro e SERRÃO, Adriana Veríssimo
2002: *A Invenção do «Homem». Raça, Cultura e História na Alemanha do Século XVIII*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- SARTRE, Jean-Paul
1996 [1946]: *L'existencialisme est un humanisme*. Ed. Arlette Elkaim-Sartre, Paris: Editions Gallimard.
2004 [1962]: *O Existencialismo É Um Humanismo*. Trad. Vergílio Ferreira. Lisboa: Bertrand.
- SENA, Jorge de
1991 [1959]: «O meu encontro com Malraux», *Maquiavel, Marx e outros Estudos*. Lisboa: Edições Cotovia. 157-162.
2001 [1958]: «Prefácio», MALRAUX, André, *A Condição Humana*. Trad. Jorge de Sena. Lisboa: Livros do Brasil. 5-10.
- SERRANO ASENJO, José Enrique
2001: «Ideas sobre la novela en los años veinte: Metanovelas y otros textos doctrinales», AUBERT, Paul (ed.), *La novela en España (siglos XIX-XX)*. Madrid: Casa de Velázquez. 129-141.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo
2002: «O despertar da questão antropológica», SANCHES, Manuela R. e SERRÃO, Adriana V., *A Invenção do «Homem». Raça, Cultura e História na Alemanha do Século XVIII*. Lisboa:
- Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 11-26.
- SERRES, Michel
2001: *Hominescence*. Paris: Éditions Le Pommier.
- SEXTON, James
2003: «Background to *Brave New World*: Five essays by Aldous Huxley», *Aldous Huxley Annual*. Volume 3. 1-9.
- SHAFFER, Elinor (ed.)
1998: *The Third Culture: Literature and Science*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter.
- SHAKESPEARE, William
1997 [1911]: *The Unabridged William Shakespeare*. CLARK, William George e WRIGHT, William Aldis (eds.). Filadélfia e Londres: Courage Books.
- SHEEHAN, James J.
1991: «Coda», SHEEHAN, James J. e SOSNA, Morton (eds.), *The Boundaries of Humanity. Humans, Animals, Machines*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press. 259-265.
- SHEEHAN, James J. e SOSNA, Morton (eds.)
1991: *The Boundaries of Humanity. Humans, Animals, Machines*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press.
- SHORLEY, Christopher
2000: «Crossing boundaries in the early fiction: Malraux's 'art of the novel' 1928-33», HARRIS, Geoffrey T. (ed.). *André Malraux. Across Boundaries*. Amsterdão e Atlanta: Rodopi. 17-44.
- SILHOL, Robert
1999: «From Literary Criticism to Literary Anthropology», *American Imago*. Número especial: «The Past, Present and Future of Psychoanalysis and Literature.» Vol. 56, n.º 3, Fall 1999. 299-309.
- SIMON, Pierre-Henri
1965 [1949]: *L'Homme en Procès. Malraux, Sartre, Camus, Saint-Exupéry*. Paris: Payot.
1968 [1951]: *Témoins de l'Homme. La condition humaine dans la littérature du xxe siècle*. Paris: Payot.
- SLOTERDIJK, Peter
2000: *Règles pour le parc humain. Une lettre en réponse à la Lettre sur l'humanisme de Heidegger*. Trad. Olivier Mannoni. Paris: Mille et Une Nuits.
- SNELL, Bruno
1982: *The Discovery of the Mind in Greek Philosophy and Literature*. Trad. T.G. Rosemeyer. Nova Iorque: Dover Publications, Inc.
- SNOW, C. P.
1998 [1964]: *The Two Cultures*. Cambridge: Cambridge University Press.

- SOPER, Kate
1986: *Humanism and Anti-Humanism*. La Salle, IL: Open Court.
- STAGL, Justin
2000: «Anthropological Universality. On the Validity of Generalisations about Human Nature», ROUGHLEY, Neil (ed.), *Being Humans. Anthropological Universality and Particularity in Transdisciplinary Perspectives*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter. 25-36.
- STEINER, George
1970: *Language and Silence. Essays on Language, Literature and the Inhuman*. Nova Iorque: Atheneum.
- ST-ONGE, J.-Claude
2006: *La condition humaine. Quelques conceptions de l'être humain*. 3.^a ed., Montréal: Gaëtan Morin Éditeur.
- TAME, Peter
1998: *The Ideological Hero in the novels of Robert Brasillach, Roger Vailland, & André Malraux*. Nova Iorque: Peter Lang.
- TISON-BRAUN, Micheline
1967: *La Crise de l'Humanisme. Le Conflit de l'Individu et de la Société dans la Littérature Française Moderne. Tome II – 1914-1939*. Paris: Librairie Nizet.
- TORRANCE, Robert M.
2001: «The Radical Tradition of Humanistic Consciousness», HANEY II, William S. e MALEKIN, Peter (eds.), *Humanism and the Humanities in the Twenty-first Century*. Lewisburg e Londres: Bucknell University Press e Associated University Presses. 164-181.
- TRÉCOURT, François
1995: «*La Condition humaine*: leçons d'un manuscrit», CRESCIUCCI, Alain (ed.), *Malraux. La Condition humaine*. Paris: Klincksieck. 65-85.
- TURKLE, Sherry
1991: «Romantic Reactions: Paradoxical Responses to the Computer Presence», SHEEHAN, James J. e SOSNA, Morton (eds.), *The Boundaries of Humanity. Humans, Animals, Machines*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press. 224-252.
- WHITE, Hayden
1978 [1966]: «The Burden of History», *Tropics of Discourse. Essays in Cultural Criticism*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press. 27-50.
- WILLIAMS, Bernard
1991: «Prologue: Making Sense of Humanity», SHEEHAN, James J. e SOSNA, Morton (eds.), *The Boundaries of Humanity. Humans, Animals, Machines*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press. 13-23.
2006: «The Human Prejudice». Ed. A. W. Moore, *Philosophy as a Humanistic Discipline*. Princeton e Oxford: Princeton University Press. 135-152.
- WILSON, Edward O.
1975: *Sociobiology: The New Synthesis*. Cambridge: Harvard University Press.
1978: *On Human Nature*. Cambridge: Harvard University Press.
- ZLOTESCU, Ioana C.
1989: «Introducción: Las 6 falsas novelas o la renovación de las fuentes», GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón, *6 falsas novelas: rusa, china, tártara, negra, alemana, americana*. ZLOTESCU, Ioana C. (ed.). Madrid: Mondadori. 5-28.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ADORNO, THEODOR W.: 128, 251
Aguiar e Silva, Vítor: 251
Aldridge, A. Owen: 75, 251
Althusser, Louis: 63
Apter, Emily: 68-69, 251
Arendt, Hannah: 26, 40-2, 156, 251
Aristóteles: 79, 80-2, 251
Armengaud, Françoise: 33, 251
Arnold, Matthew: 59, 67, 98
Assmann, Aleida: 74-7, 251
Aubert, Paul: 251, 262
Ayer, A.J.: 51-2, 251
- BADMINGTON, NEIL: 70-1, 251
Barfoot, C.C.: 252
Bessière, Jean: 102, 252
Blin, Jean-Pierre: 217, 252
Bloom, Harold: 139, 252
Blue, Gregory: 51, 252
Bock, Kenneth: 28, 252
Böhme, Gernot: 23-4, 27, 252
Booker, M. Keith: 103-4, 252
Bourbon, Brett: 83, 252
Bradbury, Malcolm: 224, 252, 255
Brander, Laurence: 116, 253
Breton, André: 236-7, 253
Bürger, Peter: 224, 253
Burke, Kenneth: 75, 253
- CALINESCU, MATEI: 85, 103, 224, 253
Camões, Luís de: 201, 253
- Cartwright, John H.: 97, 253
Chambers, Iain: 62, 253
Collini, Stefan: 59-60, 253
Comfort, Kelly: 227, 253
Cordeiro Oliveira, Cristina R.: 191, 253
Crane, Ronald S.: 57, 60, 253
Cresciucci, Alain: 166-7, 252-3, 255, 258, 260-1, 264
- DAVIES, TONY: 19, 50, 53, 253
Deery, June: 99-100, 254
Derrida, Jacques: 63-4
Dostoiévski, Fiódor: 145-7, 254
Dunaway, David King: 113-4, 254
Dupré, John: 28, 254
- EAGLESTONE, ROBERT: 65, 254
Ehrlich, Paul: 28, 254
Elias, Norbert: 156, 254
Elliott, Robert C.: 103-4, 254
Eyriès, Alexandre: 171, 254
- FEIJÓ, ANTÓNIO M.: 82, 84, 254
Fernandes, Ângela: 71, 162, 200, 226, 254-5
Fernández-Armesto, Felipe: 21-2, 40
Ferreira, Maria Aline S. Seabra: 116, 255
Fietz, Lothar: 129, 255
Firchow, Peter E.: 104, 114, 119, 122, 132-3, 255

- Fleishman, Avrom: 161, 255
 Foucault, Michel: 57, 63-4, 88, 255
 Freitas, Maria Teresa de: 166, 255
 Friedman, Melvin J.: 217-8, 255
 Frohock, Wilbur M.: 202, 204-5, 255
 Fudge, Erica: 43, 255
 Fukuyama, Francis: 32, 107, 114, 255
 Fuss, Diana: 43, 256
- GAILLARD, POL: 156, 256
 García Gual, Carlos: 53, 256
 García, Miguel Ángel: 227
 Gaynesford, Max de: 31, 256
 Gernsback, Hugo: 95, 97
 Gilbert, Ruth: 255
 Gliksohn, Jean-Michel: 161, 166, 256
 Godard, Henri: 188-9, 209, 256
 Gómez de la Serna, Ramón: 12-3, 221, 231-7, 239-41, 244-5, 248, 256, 258, 260
 Gossin, Pamela: 254, 256
 Grafton, Anthony: 55, 256, 258
 Grassi, Ernesto: 58, 256
 Green, Christopher: 65, 256
 Greenlee, James W.: 169-70, 193, 257
 Grunwald, Armin: 252, 257
 Guillebaud, Jean-Claude: 30, 257
 Gumbrecht, Hans Ulrich: 76-7, 257
 Guthrie, W. K. C.: 49, 257
- HABERMAS, JÜRGEN: 30-1, 257
 Halliwell, Martin: 62, 64, 67-8, 257
 Ham, Jennifer: 35, 257
 Haney, William S.: 257, 264
 Haraway, Donna J.: 27, 257
 Harris, Derek: 257, 232
 Harris, Geoffrey T.: 165, 205, 216, 257
 Hartwell, David G.: 95-6, 257
 Hassan, Ihab: 70, 257
 Havard, Robert: 258
 Hayles, N. Katherine: 70, 258
 Heidegger, Martin: 58, 63, 263
- Herrick, Jim: 52, 258
 Hoffmann, Joseph: 158, 193, 258
 Hollier, Denis: 156, 186, 258
 Hoyle, Alan: 237, 258
 Huxley, Aldous: 12, 51, 59-60, 91, 93-4, 98, 100, 105, 107-8, 111, 114-9, 122, 126, 128-9, 133, 139, 145-9, 223, 230, 248, 251-5, 258, 261, 263
 Huxley, T. E.: 59, 60, 98
- INGOLD, TIM: 34, 258
 Iser, Wolfgang: 75-7, 258
- JARDINE, LISA: 55, 256
- KAGAN, JEROME: 61, 258
 Kamerbeek, Jan: 159, 199, 258
 Karl, Frederick R.: 122, 224, 258
 Knight, Everett W.: 157-8, 259
 Konner, Melvin: 28, 259
 Kristeller, Paul Oscar: 54, 56, 259
 Kumar, Krishan: 104, 117, 122-5, 259
 Kurtz, Paul: 52, 259
 Kuvakin, Valerii A.: 52, 259
- LACOUTURE, JEAN: 157, 259
 La Mettrie, Julien-Offray: 37, 259
 Langlois, Walter G.: 157, 259
 Larrat, Jean-Claude: 179-80, 191, 209, 259
 Latour, Bruno: 7, 259
 Leavis, F. R.: 61, 67, 98
 Leblon, Jean: 161, 260
 Lecarme, Jacques: 259
 Legros, Robert: 24, 260
 Leroi-Gourhan, André: 22-3, 260
 Levine, George: 98, 99, 260
 Lévi-Strauss, Claude: 63
 Lukács, Georg: 163, 164, 165, 260
- MALEKIN, PETER: 257, 264
 Malraux, André: 12, 153, 155-9, 161, 164-6, 169, 171, 175-6, 178-80, 186, 188, 189, 191, 193, 199-202, 209-11, 214-6, 218-9, 223, 230, 244, 248, 252-3, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264
- Margolis, Joseph: 40, 260
 Martínez-Collado, Ana: 239, 260
 Martins, Lourdes Cândia: 252, 260
 McFarlane, James: 224, 252, 255
 Meschonnic, Henri: 224, 260
 Midgley, Mary: 39, 43, 260
 Moatti, Christiane: 157, 171, 179, 261
 Morin, Edgar: 24-5, 30, 261, 264
 Mousley, Andy: 62, 64, 67-8, 257, 261
 Murdoch, Iris: 86-7, 261
 Murray, Nicholas: 94, 261
- NICHOLLS, PETER: 224, 261
 Nietzsche, Friedrich: 7, 25, 63-4, 163, 261
 Nugel, Bernfried: 255, 261
 Nussbaum, Martha C.: 53, 60, 261
- ORTEGA Y GASSET, JOSÉ: 9, 85, 162, 164, 225-32, 254, 261
- PEREIRA, FREDERICO: 75, 261
 Pereira, Maria Helena da Rocha: 24, 261
 Pichois, Claude: 161, 260
 Platão: 49, 56, 262
 Protágoras: 24, 48, 49
- RICO, FRANCISCO: 54, 262
 Roberts, Adam: 96, 101, 262
 Rosa, João Guimarães: 15, 262
 Roughley, Neil: 251, 260, 262, 264
 Russell, Bertrand: 116, 117, 262
- SAID, EDWARD: 60, 63-4, 66-8, 262
 Sanches, Manuela Ribeiro: 262
 Sartre, Jean-Paul: 158, 256, 262-3
 Sena, Jorge de: 160, 176, 199, 200-1, 231, 254, 260, 262
- Senior, Matthew: 35, 257
 Serrano Asenjo, José Enrique: 239, 262
 Serrão, Adriana Veríssimo: 25, 57, 262
 Serres, Michel: 32-3, 263
 Sexton, James: 118, 252, 258, 263
 Shaffer, Elinor: 99, 263
 Shakespeare, William: 112, 138-41, 149-50, 252, 263
 Sheehan, James J.: 29-30, 254, 259, 263-4
 Shelley, Mary: 94
 Shorley, Christopher: 180, 209, 211, 263
 Silhol, Robert: 75, 263
 Simon, Pierre-Henri: 158, 178, 180, 263
 Sloterdijk, Peter: 69-70, 263
 Snell, Bruno: 47-8, 50, 52, 263
 Snow, C. P.: 61, 98, 253, 263
 Soper, Kate: 51, 63, 264
 Sosna, Morton: 254, 259, 263-4
 Spitzer, Leo: 69
 Stagl, Justin: 23-4, 29, 39, 40, 264
 Steiner, George: 66-7, 264
 St-Onge, J.-Claude: 25, 264
- TAME, PETER: 172-3, 264
 Tison-Braun, Micheline: 158, 264
 Torrance, Robert M.: 67, 264
 Trécourt, François: 176, 264
 Turkle, Sherry: 36-8, 264
- VERNE, JULES: 94-5
- WELLS, H. G.: 94-5, 116
 White, Hayden: 163, 164, 264
 Williams, Bernard: 17, 18, 19, 31, 264
 Wilson, Edward O.: 27, 265
 Wiseman, Susan: 255
- ZAMIATIN, EUGENE: 116
 Zlotescu, Ioana C.: 234, 256, 265

**A IDEIA
DE HUMANIDADE
NA LITERATURA
DO INÍCIO DO SÉC. XX**

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na Guide,
Artes Gráficas, sobre papel
Coral Book de 80 gramas,
em Setembro de 2013.

